

CORPO, NATUREZA E CULTURA EM UM PROJETO DE EDUCAÇÃO NO MEIO RURAL¹

Alexandre Fernandez Vaz*

RESUMO:

Trato no presente relato de uma experiência de elaboração de diretrizes para o ensino e formação de formadores junto ao *Projeto Terra Solidária*, curso de ensino fundamental para agricultores adultos. Analiso, em primeiro lugar, os avanços e dificuldades referentes à formação de formadores, verificando alguns descompassos no que se refere à Educação Física. Considerando o eixo temático da reestruturação produtiva, especificado na propriedade familiar e na agroecologia, mas pensada também em relação ao corpo, apresento também o conteúdo de Educação Física dos dois primeiros módulos do curso.

Palavras Chaves: Educação Rural; Educação Física; Terra Solidária; Escola Sul da CUT

ABSTRACT:

This paper introduces the material of Physical Education to the *Project Solidary Land*, to adults that work and live in Land. It's showed also the education of people that teach in this program, and their difficulties with Physical Education. The central theme of the course is a new form of production, specially the familiar farm and the ecological agriculture. In this sense, it's tried to present the body as a important part of this process, and, are showed the two first parts of the Physical Education's program.

Key-words: Rural Education; Solidary Land; Physical Education; South School of CUT.

1. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS GERAIS DO TERRA SOLIDÁRIA

Da metade de 1999 até o final do ano passado foi realizado nos três estados do sul do Brasil um projeto de ensino fundamental para agricultores adultos sob os auspícios da Escola Sul da Central Única dos Trabalhadores (CUT), do Fórum Sul dos Rurais – formado pelos agricultores familiares da região que são ligados à CUT – e pelo DESER – Departamento de Estudos Sócio-econômicos Rurais.

O eixo central do *Projeto Terra Solidária* estruturava-se na reestruturação produtiva, expressa, sobretudo, em torno da agricultura familiar e de formas ecologicamente responsáveis de produção agrícola. São três os personagens centrais do projeto: os alunos, os formadores e os gestores.

Contando com financiamento oriundo de recursos do FAT, as primeiras turmas do Terra Solidária contavam com um perfil aparentemente bastante variado no que toca aos **alunos**, não fora a condição de agricultores organizados em associações de classe e com algum grau de alfabetização. Representando diferentes regiões e origens étnicas, os alunos eram agrupados em turmas com aproximadamente trinta

* Professor Assistente do Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (MEN/CED/UFSC). Doutorando em Ciências Humanas e Sociais na Universidade de Hannover, Alemanha, onde é bolsista da CAPES.

pessoas, que se encontravam, de forma geral, a cada três semanas, para três dias de estudo em tempo integral. As atividades regulares na agricultura, associadas às dificuldades de deslocamento, determinavam essa organização *externa* do tempo pedagógico, o que fez com que algumas das turmas optassem por outras formas de organizar o tempo, mantendo a carga horária de trinta horas-aula para cada um dos dezoito módulos.

Cada turma contava com um **gestor**, encarregado da estrutura e da articulação do curso, e um **formador**, geralmente com curso superior concluído. Os gestores eram geralmente lideranças das comunidades, e em algumas ocasiões figuravam simultaneamente como alunos do curso. Os formadores, por sua vez, vinham de áreas variadas, das Humanidades às Tecnologias, da Pedagogia à Agronomia, passando por outras disciplinas em princípio mais distantes das temáticas do projeto. Os formadores foram selecionados por análise de currículo, e cada qual foi responsável por uma turma.

Dentro de cada módulo o tempo pedagógico era organizado de forma a atender os conteúdos clássicos do ensino, que deviam permanecer articulados aos *temas geradores*, um em cada módulo. O fato de o curso ter se estruturado de maneira intensiva, associado ao seu caráter mais geral de *formação integral*, exigia uma organização metodológica específica. Ela foi determinada pelas condições concretas dos alunos - sua condição de trabalhadores rurais - e pelo eixo temático que orientava o curso.

Uma orientação importante do curso era que entre a realização de cada módulo fossem realizadas atividades extraclasse, chamadas *laboratórios*. Entre as várias possibilidades de laboratório, foram realizadas, entre outras, visitas a instituições e eventos, como órgãos públicos e feiras, ou ainda atividades que envolvessem pequenas investigações temáticas.

2. OBSERVAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE FORMADORES NO QUE SE REFERE À DISCIPLINA

EDUCAÇÃO FÍSICA

Particpei das atividades da primeira edição do Projeto Terra Solidária em diferentes momentos, na elaboração de módulos de ensino referentes à Educação Física e no processo de formação de formadores. Meus comentários referem-se então ao trabalho que desenvolvi, mas também a hipóteses e impressões oriundas de minhas observações das reuniões de trabalho, das oficinas e de contatos informais.

Não foram poucas as dificuldades em pensar possíveis papéis para a Educação Física em um curso como esse, destinado a uma parcela bastante específica da população. Se os diferentes conhecimentos que compõem o ensino fundamental deviam articular-se em torno do eixo central do curso, compondo um currículo que pudesse, na medida do possível, apresentar-se como interdisciplinar, coube então perguntar qual seria um possível papel da Educação Física nesse processo.

Tentar equacionar essa situação exigiu por um lado uma certa dose de imaginação/experimentação, e por outro discutir com alguns atores/sujeitos do Projeto algumas possibilidades de planejamento e intervenção.

Destaco que há nesse tipo de projeto pedagógico uma forte influência das experiências do campo que costuma ser chamado, genericamente, de “Educação Popular”, com seus valores, normas, desejos e interditos. Parece haver nesse universo, por exemplo, uma excessiva valorização do “conhecimento popular”, freqüentemente considerado “mais puro” e “menos opressivo”. Freqüentemente vinculada com valores místicos e religiosos, essa crença se expressa, com muita força, no enorme peso que acabam tendo as estratégias de ensino e suas inovações, sobretudo no que se chama de “dinâmicas”.

Por outro lado, não é isento de contradições esse processo, uma vez que a crítica ao saber acadêmico coexiste com o desejo – oscilante – de dominar os conteúdos clássicos do ensino. Não quero com isso desconsiderar os méritos da Educação Popular, nem baratear suas propostas de trabalho, fundamentais em um país como o Brasil. Chamo a atenção, apenas, para o que considero um exagero de algumas crenças, sobretudo as que remetem ao romanticismo da figura do trabalhador, o que acaba fazendo do trabalho não mais uma categoria de entendimento e realização humana, mas um fetiche.

Elaborei algumas diretrizes para a disciplina Educação Física. Elas se referem a uma perspectiva de cunho mais geral, orientadora, e aos dois primeiros módulos de ensino. De certa forma, tudo aquilo que posteriormente desenvolvi se refere diretamente a esta tentativa inicial.

Por parte dos gestores e formadores houve boa receptividade quanto aos conteúdos de Educação Física, apesar da presença, como era de se esperar, de algumas dificuldades. A primeira delas refere-se à *unidocência*, já que para cada turma havia apenas um educador ou educadora, procurando dar conta de todas as disciplinas, que só em casos especiais tiveram o apoio de especialistas. Corresponde a isso uma outra dificuldade, a da articulação dos conteúdos e metodologias de Educação Física com os de outras disciplinas, dificultando a consecução de um processo interdisciplinar de ensino. Houve ainda limites em lidar com os conteúdos propostos, sobretudo pelo caráter diferenciado que apresentavam, se comparados com os padrões tradicionais de Educação Física, incorporados na maior parte das pessoas que passaram por processos de escolarização. Por último, destaco que o tema **corpo**, como se sabe, está freqüentemente relacionado a tabus de vários matizes, também em ambientes rurais, muitas vezes fortemente condicionados pela religiosidade.

Um dos princípios que acabei por eleger como fundamental para a Educação Física no contexto do Projeto, dizia que é preciso haver reestruturação produtiva também no que toca às relações corporais, dentro e fora do mundo do trabalho. Em outras palavras, as expressões corporais da vida dos agricultores devem

passar a ser pensadas como *problemas para reflexão e investigação*. Não se pode pensar a reestruturação das relações produtivas, sem que se as pense em relação ao *corpo*.

Na próxima parte desse trabalho apresento o texto elaborado para expor as diretrizes gerais da disciplina Educação Física. Ele foi publicado no primeiro caderno destinado aos formadores. Logo depois reproduzo o material preparado para os dois primeiros módulos, tanto o destinado aos formadores, quanto aquele destinado aos alunos. Eles foram publicados nos respectivos cadernos.

Espero, com a divulgação desse material, bem como das informações e reflexões que acabo de escrever, contribuir para ampliar o debate referente às contribuições da Educação Física no meio rural.

3. TEXTO BASE PARA OS PRIMEIROS MÓDULOS

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O PROJETO TERRA SOLIDÁRIA: NOTAS DE TRABALHO

É curioso pensar o papel da Educação Física dentro de um projeto como o **Terra Solidária**, preocupado em organizar o conhecimento a partir da agricultura familiar. Se pensarmos que a Educação Física lida tradicionalmente com as atividades corporais, a primeira coisa que pode vir à cabeça é que aquilo que o agricultor menos precisa é justamente de mais atividades corporais! Talvez isso seja verdade, mas não custa olhar esse tema mais de perto.

Corpo, Natureza e Cultura

O que podemos destacar já de início, é que os aspectos corporais conformam a vida dos agricultores, assim como o fazem com a de todos os seres humanos. Desta forma, creio ser importante que os participantes do curso tenham condições de compreender de maneira mais ampla e efetiva aquilo que poderíamos chamar de **cultura corporal**, as formas de organização da corporeidade. Afinal, é preciso, para além da instrumentalização técnica, que os participantes do curso possam ter elementos para melhor compreender o seu mundo, as relações sociais que organizam a realidade em que vivem. Uma leitura mais efetiva do mundo que nos rodeia passa por uma compreensão mais ampla dos aspectos relacionados ao corpo e suas expressões.

O corpo humano alterou-se muito pouco nos últimos milhões de anos, mas as formas como o significamos mudaram muito. Uma mesma ação motora pode ter vários significados, enformados pela cultura, pelo contexto histórico-social. Os militares marcham, assim como os Trabalhadores Rurais Sem Terra, ou os romeiros numa procissão. São todas atividades biomecânicas muito parecidas. Todos sabemos, no entanto, que os significados de cada uma são bem diferentes. Somos, portanto, fruto da natureza e da cultura, da primeira reelaborada pela segunda, e até mesmo da segunda pela primeira.

As culturas elaboram diferentes discursos e práticas a respeito do corpo. Todas elas organizam, por exemplo, jogos e outras atividades que têm no corpo e em seus movimentos um importante ponto de apoio.

Os esportes que hoje conhecemos, só para tomarmos um exemplo mais visível, têm uma história, uma origem, que remonta ao contexto da Europa que se moderniza, que se organiza em torno do modo de produção capitalista. Mas também outros grupos elaboram jogos e outras atividades corporais com grande significado cultural, como os de origem africana, que

desenvolveram a capoeira, ou as diferentes nações indígenas, com suas atividades rituais, as corridas de toras ou mesmo o nosso futebol, jogado e interpretado de outra forma, com outros valores e normas.

Não só no esporte as diferentes culturas desenvolvem distintas técnicas corporais. O corpo é meio de expressão através das marcas que carrega, das formas de se movimentar, nascer e morrer. Na sociedade contemporânea nossa identidade é cada vez mais construída através do corpo: somos bonitos ou feios, fortes ou fracos, altos ou baixos, gordos ou magros. Cada vez mais nos é exigido um padrão corporal "adequado" por determinações que mais tem a ver com o mercado do que com nossas possibilidades. Estes temas são fortes alicerces da nossa cultura, de nossas relações sociais, inclusive no campo. Vejamos algumas formas de realização desse processo.

É por meio do corpo, dos sentidos, que se dá a primeira relação dos seres humanos com o meio em que vivem. Os sentidos não são apenas natureza, são treinados, conformados pelas condições sociais, educados. As relações por meio do olfato, do tato, da visão, da audição e do gosto não são as mesmas para todas as pessoas, em todos os lugares e em todos os momentos. Elas remetem a uma história, estão vinculadas à memória. Os cheiros, os gostos, o impacto visual, as sensações de frio e calor, os sons que aprendemos a emitir e identificar, tudo isso passa pelos nossos sentidos, portas de entrada do corpo, para chegar ao cérebro e lá serem interpretados, conforme os esquemas que incorporamos ao longo de nossas vidas. O cheiro de mato tem um significado bem diferente para quem nasceu no campo ou para o nascido na cidade. Os sentidos são o corpo, e este é conformado por uma cultura, qualquer que seja ela.

Corpo, Técnica e Trabalho

Se é por meio dos sentidos que entramos em contato com o ambiente, é por meio do **trabalho** que podemos interpreta-lo, modifica-lo, recria-lo. Ora, quem trabalha o faz expressando-se corporalmente. Isso vale principalmente para aqueles que têm no trabalho corporal uma expressão concreta de suas vidas. Já há algum tempo um grande pensador dizia que o trabalho é o metabolismo entre o ser humano e a natureza, e mais do que isso, que o ser humano é *também* natureza. Esse metabolismo se apresenta de distintas formas, na medida em que as sociedades mudam. Um forte exemplo é a fabricação e o uso de instrumentos, vetor fundamental de nossa *humanização*. Nosso corpo foi se configurando ao longo da evolução em forte associação com o uso de instrumentos. A posição ereta e a diferenciação entre pés e mãos estão bastante associadas à criação e à utilização cada vez mais complexa de ferramentas.

Nesse sentido vale dizer que ao mesmo tempo em que modificamos a natureza em nossa volta, também o fazemos com nosso próprio corpo, processo que se expressa dentro de relações sociais temporais, mutáveis, dinâmicas. Se a agricultura é tecnificada, e com ela nossa relação com a natureza também o é, da mesma forma o corpo, nos esportes e na mecanização do trabalho, é, de alguma forma "transformado" em máquina, inaugurando outras formas desse *metabolismo*. Com as diferentes formas de produção e a multiplicidade do uso de instrumentos, altera-se, por exemplo, nossa sensibilidade. Da mesma forma, nossa percepção subjetiva do espaço e do tempo, que *diminuem*, modifica-se radicalmente.

Se o trabalho é o meio pela qual acontece nosso metabolismo com a natureza, e se *somos* *nosso próprio corpo*, então é preciso refletir sobre ele, problematizá-lo, interpretá-lo. Quais são os movimentos necessários para a realização de uma **técnica**? Que tipo de sensação e de sentimentos sua efetivação nos provoca? Quais são as características corporais exigidas para a execução de um conjunto de gestos? Há movimentos que exigem mais força, outros mais habilidade. Há tarefas que destinamos às mulheres, outras aos homens, assim como costumamos determinar certas atividades às crianças, ou vetar outras às pessoas idosas. É preciso refletir sobre

isso, sobre a tradição que informa nossas decisões ao destinarmos diferentes técnicas para diferentes pessoas, que por sua vez expressam-se corporalmente também de forma peculiar.

Uma das expressões mais marcantes do corpo no trabalho é a dor. Um corpo vivo não é uma máquina, que estraga e lhe trocamos as peças. Ele sente dor, prazer e cansaço, e também por ele e para ele deve-se pensar a **reestruturação produtiva**. O que provoca dor nos agricultores? Como ela pode ser interpretada, problematizada, evitada mas não recalcada? Como se estabelece uma relação que seja mais *ecológica* com o próprio corpo já no mundo do trabalho? Como este corpo pode deixar de ser castigado? Encontramos aqui um ponto fundamental de reflexão: que tipo de atividade corporal é mais adequado para que o corpo seja preservado dos efeitos danosos do trabalho à saúde? Como se pode ser mais solidário com o próprio corpo, e também com o corpo dos outros?

Avançando ainda, como se coloca nossa relação com os alimentos que plantamos e depois consumimos? Nosso "combustível" também é enformado culturalmente, fonte de energia para as atividades mentais e corporais, para restituição de nossos tecidos. Um bom equilíbrio alimentar, respeitadas as peculiaridades culturais, é um elemento decisivo para uma relação mais solidária, mais harmônica com o próprio corpo.

Esporte e Sociedade

O corpo não se expressa, no entanto, só no trabalho. Como sabemos, os agricultores do sul do Brasil têm diferentes origens culturais, e com elas veiculam-se também diferentes formas de se expressar nos momentos de lazer. As danças e jogos são importantes meios de afirmação cultural, espaços de coesão das diferentes comunidades. O jogo de Bocha, por exemplo, praticado principalmente pelos descendentes de italianos, acontece em canchas que centralizam a atenção de muitos agricultores nos momentos de lazer. Coincidência ou não, muitas canchas de bocha se localizam próximas a igrejas, locais privilegiados de reunião comunitária. Da mesma forma há atividades corporais típicas da cultura alemã, como o Punhobol. Por que não realizar um **laboratório** onde os alunos pesquisem as brincadeiras, jogos e outras atividades de lazer vinculadas às respectivas tradições, a sua infância, a seus pais e avós? Lembre-se que estas tradições perdem progressivamente seu espaço em favor de elementos da Indústria Cultural, veiculados pelos meios de comunicação, estandarizantes, massificadores, adocicados.

É inegável a importância que o esporte tem na sociedade moderna. Refiro-me agora ao esporte como fenômeno de grande penetração social, com largo espaço de mídia. Além da prática informal, muitas pessoas têm, em algum grau, relação com os grandes ídolos esportivos. Caso marcante no Brasil é o do piloto de fórmula um Ayrton Senna, cujo sepultamento teria sido um dos mais concorridos da história da humanidade. É, no entanto, o futebol que tomaremos como exemplo, pelo seu forte caráter de construtor de identidade nacional.

Não é fácil parar o trabalho em dia de greve geral, mas pouco se questiona quando se encerra o expediente mais cedo para assistir a uma partida da seleção brasileira em Copa do Mundo de Futebol. É preciso que se discuta o futebol, nossa "paixão nacional", como fenômeno social. Ele comporta entre nós uma história que, por exemplo, tem a ver com os conflitos de classe nesse país. Mais que isso, as relações de poder no Brasil estiveram freqüentemente vinculadas ao futebol, como na Ditadura Militar, ainda que também nesse esporte se tenha feito palco de luta pela nossa redemocratização.

Há muitas questões que podem ser pensadas a respeito do esporte. Ainda no futebol, um tema interessante é que o espetáculo esportivo acontece patrocinado por multinacionais de equipamentos esportivos, várias sob suspeita de fabricarem seus produtos - bolas, uniformes e outros equipamentos - escravizando trabalhadores, entre eles crianças, em países de terceiro

mundo como o nosso. É ou não paradoxal que a alegria do futebol seja proporcionada, também, com o sangue de trabalhadores?

. . .

Essas entre outras questões podem compor um programa de *Educação Física* para o Projeto Terra Solidária. Elas estão enraizadas na vida de todos, permeando temas que atravessam nosso cotidiano e que precisam ser problematizados. Por que não trabalhas-las a partir também da história, do estudo da sociedade, dos temas transversais, como gênero e etnia? Ou nada disso vale pena, e melhor mesmo é desconsiderar nossas *dimensões corporais*?

4. TEXTOS DE TRABALHO PARA OS ALUNOS² E PROFESSORES

Os textos de trabalho para os alunos, assim como acontece com os dos formadores, têm temáticas que os fazem corresponder à direção geral dos módulos. Dessa forma, se no primeiro módulo um dos temas centrais é o *Movimento Migratório*, da mesma forma na Educação Física tratamos do *Movimento Corporal*. No segundo módulo, seguindo a direção do primeiro, o tema é *O Corpo entre a Natureza e a Cultura*, e a correspondência com a temática central aparece sobretudo na tentativa de caracterizar o Corpo Humano também como uma resultante histórica, fruto do *trabalho*.

O material destinado aos formadores difere do destinado aos alunos pelas orientações de trabalho, presentes para os primeiros. O material dos alunos compreende apenas os textos de trabalho.

4.1. MÓDULO I - MATERIAL PARA OS FORMADORES E FORMADORAS

MOVIMENTO

A palavra *movimento* é bastante utilizada por nós. Normalmente ela se refere a uma mudança de lugar, seja de uma pessoa, de um animal, de um carro ou de uma infinidade de outros seres ou objetos. Mas também falamos de movimento do vento, financeiro e migratório ou ainda - muito importante - de movimento social.

Nosso objetivo aqui é, no entanto, tratar de um tipo de movimento que é nosso conhecido, mas sobre o qual pouco refletimos: o *movimento corporal*, tão variado quanto são variadas as maneiras de viver dos seres humanos. Sim, porque as formas de movimento de alguém que mora no Brasil são diferentes das dos que sempre viveram na África ou na Ásia, por exemplo. Quem mora aqui caminha diferente, movimenta o corpo de uma forma própria, dança de maneira especial. Nós nos movimentamos conforme nossa cultura. Isso é justamente o que identifica nosso movimento, o fato de ele ser uma expressão de uma cultura.

Como a cultura é um processo dinâmico e múltiplo, as formas de movimento também variam dentro do mesmo contexto e ao longo do tempo. Em vários lugares se anda muito a pé, e às vezes reconhecemos as pessoas de longe só pelo jeito de andar. As crianças, os jovens e os adultos caminham de forma diferente, assim como as mulheres o fazem de outra maneira que os homens. Nós mesmos, nas primeiras horas do dia, ou quando estamos trabalhando, se estamos cansados ou preocupados, também nos movimentamos de maneira diferente uma da outra, não é?

Na medida em que a história vai mudando, não só nossos movimentos vão se modificando, mas também nossas formas de deslocamento. Antigamente se andava quase sempre a pé, e aos

poucos foram surgindo outras formas de deslocamento, com animais, carroças, bicicletas, carros, etc. O deslocamento fica mais rápido, parece até que o espaço e o tempo diminuem. Mas será que eles não diminuem mesmo?

. . .

O texto acima (*Movimento*) pertence ao Módulo I dos alunos, e é uma **referência** para o trabalho com eles. Ele trata das diferentes formas de movimento, com ênfase no movimento corporal humano, procurando entendê-lo como expressão cultural. É importante que a temática seja trabalhada em correspondência com outros pontos centrais do módulo, como o deslocamento de populações, a *diminuição* do espaço e do tempo pelo avanço da tecnologia no campo, etc.

As possíveis formas de encaminhar essa temática variam muito, e o pequeno texto não precisa necessariamente ser lido na sala. A abordagem pode ser feita através de algumas perguntas para serem trabalhadas em grupo, e os participantes do curso podem ler o texto em outro momento, individualmente. Algumas questões, entre outras que o grupo possa elaborar, seriam as seguintes:

a) Ao longo do tempo as formas de deslocamento de um lugar para o outro se modificam muito. Antigamente as pessoas andavam quase sempre a pé. Hoje ainda fazem isso, mas também utilizam outras formas de se deslocar. Quais seriam elas? Quais são os equipamentos utilizados para elas?

b) Como eu vejo o espaço e as distâncias e também o tempo, dias, horas, minutos, segundos de acordo com as diferentes formas de deslocamento/movimento?

c) Quais as diferenças nos movimentos de pessoas jovens, crianças e idosas? E entre mulheres e homens? Quais as diferentes maneiras de me movimentar (nas primeiras horas do dia, quando estou trabalhando, quando estou cansado, quando estou preocupado, etc.)?

Os participantes do curso podem trabalhar em grupo, buscando possíveis respostas para as questões. Cada grupo pode então representá-las, seja na forma de desenhos, seja na de uma representação cênica. Nesse caso os movimentos escolhidos podem ser informados logo no início da atividade, ou os outros grupos podem tentar identificá-lo ao longo da representação. Uma outra possibilidade seria propor aos alunos alguma(s) questão(ões) para reflexão entre um módulo e outro, de modo que se fizesse uma síntese - possivelmente através de uma dinâmica - com o segundo módulo, que tratará da temática *O Corpo entre a Natureza e a Cultura*.

Seria muito importante para o andamento do curso e para a preparação dos outros módulos, que haja um registro das atividades desenvolvidas.

4.2 MÓDULO II – FORMADORES E FORMADORAS

O CORPO ENTRE A NATUREZA E A CULTURA

Ao contrário de muitos outros animais, nós não nascemos "prontos". O que isso quer dizer? Os seres humanos precisam de muitos cuidados para poderem sobreviver logo depois que nascem e também durante boa parte da vida. Imagine-se uma criança chorando numa floresta. Ela certamente se tornaria uma presa fácil para muitos animais perigosos. Nós somos mais fracos, mais lentos, menos resistentes e enxergamos, escutamos e cheiramos pior e com menos precisão do que muitos animais. Somos também menos adaptados ao frio e ao calor. Mesmo assim conseguimos sobreviver, ao passo que muitas espécies, maiores e mais fortes que os humanos, como os dinossauros, já desapareceram da Terra há muito tempo. Nosso corpo biológico é muito

frágil, e por isso precisamos dos nossos elementos culturais para poder continuar vivendo. Afinal de contas, se sentimos frio, podemos tecer roupas que nos agasalhem, se não enxergamos tão longe, construímos uma luneta, e assim por diante.

A espécie humana tem a capacidade de realizar **trabalho**. Quer dizer, nós, humanos, conseguimos entender qual é a dinâmica da natureza para então transformá-la. A agricultura e a pecuária são dois grandes exemplos disso.

Um dos fatores que foi determinante para que nós hoje conseguíssemos realizar trabalho foi o desenvolvimento corporal que tivemos ao longo de muito tempo. Se o nosso corpo é frágil, ele tem, no entanto, mãos capazes de realizar movimentos muito refinados. Além disso, nós temos um cérebro bastante complexo, que pode realizar operações muito difíceis. Para além disso, nós fabricamos instrumentos e máquinas que realizam tarefas ainda mais refinadas e complexas, e depois máquinas que fabricam outras máquinas!

O fato de termos um cérebro relativamente complexo não é fruto do acaso e está associado a outros fatores. Junto com ele e com o refinamento das mãos, desenvolvemos a posição ereta ("em pé"). Isso tudo é resultado de uma longa história, já que nossos ancestrais andavam em quatro apoios, tinham pés e mãos adaptados para outras demandas, como por exemplo subir em árvores.

Todos os seres humanos têm a capacidade de trabalho, desenvolvida ao longo de muito tempo. Todos têm, dessa forma, um potencial que é da nossa espécie, que não é portanto, privilégio de alguns, como muitas vezes se tenta fazer crer.

. . .

O texto acima começa a tratar a temática do corpo como um resultado dinâmico de processos biológicos e culturais, uma temática que estará presente em todo o curso. Introduz também a idéia de que o ser humano é produto de uma história determinada, em grande parte, pela relação com a natureza. Esta relação é mediada pelo trabalho, outro importante conceito presente nessa discussão.

Uma sugestão para este módulo é utilizar gravuras e cartazes representando a evolução do ser humano, do seu corpo e dos instrumentos que ele pôde e pode fabricar. Também pode ser confeccionado, com o mesmo material, um painel.

Possíveis perguntas de orientação:

- 1) Quais são os cuidados que temos que ter com nossos filhos pequenos, e com nossos idosos, que muitos animais dispensam?
- 2) Que movimentos refinados conseguimos realizar com as mãos?
- 3) Que instrumentos construímos hoje para compensar nossas dificuldades biológicas?

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. Erziehung nach Auschwitz. In: *Gesammelte Schriften*, vol. 10-2. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1997. (1966/1967)

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. . Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente. In: ADORNO, Theodor. *Gesammelte Schriften*, vol. 3. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1997 (1944/1947).

ARENDT, Hannah. *The Human Condition*. 2. ed. Chicago e Londres, University of Chicago: 1998 (1958).

COLETIVOS DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

HARRIS, Marvin. *Nuestra Especie*. Madrid, Alianza, 1997. (Tradução para o espanhol de Eduardo GIL e colaboradores)

MARX, Karl. *Eine Auswahl aus seinem Werk*. (Org. Herbert REINROSS) Gütersloh (Alemanha), Reinhard Mohn, s.d.

VAZ, Alexandre Fernandez. Aprender a Produzir e Mediar Conhecimentos: um Olhar Sobre a Prática de Ensino de Educação Física. *Motrivivência*, ano XI, n. 13, 1999. p.11-34.

_____. Educação Física na escolarização do meio rural: contribuições a partir do *Projeto Terra Solidária*. In: VERONEZ, Luiz Fernando Camargo et MENDES, Valdelaine da Rosa. *XVIII do Simpósio Nacional de Educação Física: Políticas Públicas de Educação Física, Esporte e Lazer (Coletânea de textos e resumos)*. Pelotas: UFPEL, 1999, p.181-188.

VIRILIO, Paul. Os motores da história (entrevista concedida a Denise Bernuzzi de Sant'Anna e Hermetes Reis de Araújo - também tradutor). In: de ARAÚJO, Hermetes Reis (org.). *Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo, Estação Liberdade, 1998. p. 127-147.

¹ Uma versão preliminar desse texto encontra-se na Coletânea de Textos e Resumos do *XVIII do Simpósio Nacional de Educação Física: Políticas Públicas de Educação Física, Esporte e Lazer*, realizado na Universidade Federal de Pelotas em 1999.

² Os textos para os cadernos dos alunos foram ligeiramente modificados, por decisão da equipe pedagógica, com o intuito de melhor adequá-los às condições de trabalho. Para este trabalho preservei a redação original, o que não significa discordância com o procedimento adotado pela equipe pedagógica.